



*Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser*

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

[www.inhauser.com.br](http://www.inhauser.com.br) / [marcos@inhauser.com.br](mailto:marcos@inhauser.com.br)

[www.pastoralia.com.br](http://www.pastoralia.com.br)

## **TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR**

### **PEDOFILIA E RELIGIÃO**

**Marcos Roberto Inhauser**

Os recentes casos de pedofilia que vieram a público envolvendo sacerdotes são coisas que vão saindo das catacumbas do silêncio dos que sofreram, exigindo a abertura dos arquivos canônicos dos que se silenciaram.

Quando o pedófilo é um religioso, seja ele sacerdote católico, pastor evangélico, pai-de-santo, ou seja lá o que qual título tenha em função de sua função religiosa, a figura do sagrado e o simbólico que se encarnam nestes líderes têm uma forte carga emocional e religiosa, desequilibrando as relações de poder entre estes e seus fiéis.

As palavras dos religiosos, no imaginário dos fiéis, estão muito próximas de ser “vox Dei”. Eles falam em nome de Deus e muitos falam e agem como se deuses fossem. Esta aura do sagrado que acompanha a figura do religioso é também compreendida pelo imaginário popular associada à santidade dos atos, palavras e pensamentos.

Por conseguinte, quando um religioso faz uma abordagem sensual ou uma investida sexual, há nesta sua ação um poder muito maior que a mesma ação feita por um leigo ou não religioso. A investida clerical tem a capacidade de apresentar-se como algo divino, sagrado, isento de culpa ou pecado. No imaginário de quem sofre a investida, pode ocorrer a ideia que aceder às insinuações ou investidas sexuais de um religioso é forma de agradar a Deus, porque se está agradando a um “servo de Deus”. Assim, o ato hediondo pode revestir-se de sacralidade e o pecado do abuso ser entendido como salvação.

Um dado a ser considerado neste contexto é que muitas vezes os religiosos manejam informações passadas em confessoriais, aconselhamentos ou sessões. Nos casos mais recentes que se conhece, havia a condição de internos em instituição ou de coristas.

As pessoas procuram religiosos para abrir a eles problemas, dificuldades, traumas, abusos. Elas se expõem a eles no desejo sincero de serem ajudadas, orientadas, ouvidas, entendidas, amadas. Muitas confessam suas fraquezas, tropeços, necessidades, carências. O uso indevido destas informações, especialmente para valer-se delas em uma investida sexual, é algo tão ou mais ignominioso que usar sedativo para entorpecer a vítima.

Quando esta investida se dá com crianças ou adolescentes a coisa se torna monstruosa. Se no imaginário de pessoas adultas já há a possibilidade de confundir e misturar a pessoa humana com o sagrado que ela representa, o que não passará na cabeça de crianças que sofrem a investida de um “servo de Deus”? Elas foram ensinadas que os religiosos são pessoas sérias, confiáveis, que exigem certos comportamentos de seus fiéis, como não roubar, não matar, não mentir, honrar pai e mãe. Mas eles nunca ouviram de púlpito que não podiam ser abraçados, tocados ou beijados pelo sacerdote, pastor ou religioso, mesmo porque estes temas são proibidos nos púlpitos e nas classes de catequese ou estudo bíblico.